

EXPEDIENTE.

ROGA-SE aos Srs. Assignantes das Provincias, que ainda não tiverem satisfeito a importancia das assignaturas de algumas das series d'este III volume da *Revista Universal Lisbonense*, queiram sem falta e com brevidade — effectuar seu pagamento, fazendo a remessa directamente pelo correio, ou como mais commodo lhes fôr, ao Administrador da *Revista Universal Lisbonense* Manuel Maria Correia Seabra — rua dos Fanqueiros n.º 82, 1.º andar — ou aos correspondentes; no Porto, a José Joaquim Rodrigues dos Santos; em Coimbra, na Imprensa da Universidade a J. M. S. de Paula; em Faro, a José Coelho de Carvalho; em Braga, a Luiz do Amaral Ferreira, rua da Fonte da Carcova n.º 23; na Madeira, a Christovam José de Oliveira; na Terceira, a Lucas José Chaves; no Fayal, a Manuel Maria Madruga de Bettencourt; em S. Miguel, a Sebastião Tudury; no Rio de Janeiro, a Agostinho Freitas Guimarães & Companhia; no Maranhão, a Antonio da Silva Fontes & Companhia; no Pará, a Luiz Francisco Collares; em Pernambuco, a Silva & Frago.

A distribuição começa hoje, quarta-feira, ao meio-dia; aos Srs. que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

E' abusar do direito de ser original o exigir, o Sr. que assigna um inimigo dos estrangeiros charlatães, que por termos uma vez fallado da fabrica de papel, que o Sr. Gilton estava estabelecendo, lhe dêmos explicação do porquê ainda ella não trabalha. Nós não somos o Sr. Gilton, nem consocios na empresa. Quando annunciámos que brevemente sairia d'alli muito e bom papel, repetimos o que elle mesmo nos affirmára. Se o sr. anonymo quizer mais, que se dirija ao proprio Sr. Gilton, que nem mora, nem tem o seu correio no escriptorio da *Revista Universal*.

A carta do Sr. ***** sobre a empresa do theatro do Salitre e o jornal *Tribuna* é impropria da nossa folha. Importamos o theatro, a linguagem portugueza e a arte, mas não temos que ver com a vida alheia.

Agradecemos ao Sr. João Maria Gomes Barbosa, de Villa Franca de Xira, o seu offerecimento e aceitámo-lo: venham os promettidos apentamentos, dos quaes procuraremos fazer o melhor uso que nos for possível.

Magda-nos não podermos aceitar a noticia romanceada, que o Sr. J. M. R. nos offerece da freira, que arrebentou da janella abaixo, e sobre que elle compoz dois sonetos dignos da sua penna: mas o facto passou em Galliza, e as noticias da nossa folha limitam-se a Portugal.

O assignante, que nos pede, que demos tambem artigos de modas, deve lembrar-se — de que taes artigos, para pouco podem servir, desacompanhados de pinturas: e que para as dar com a perfeição com que o faz o *Correio das Damas*, seria por agora indispensavel accrescentar o preço d'esta folha. Possivel é que para o diante, nos vejamos em circumstancias de satisfazer aos seus razoaveis desejos, sem por isso gravarmos as bolsas dos subscriptores.

Muito nos obsequiará o Sr. ou Sr.ª M. da S., de Guima-

JUNHO — 5 — 1844.

rães, se nos mandar uma cópia intelligivel da sua carta, em qua por mais que se forcejasse se não pôde lêr senão *sarda* ou *sardo*, salvo o erro. Rogamos-lhe isto, porque os muitos pontos de admiração nos denunciam que a materia é importante.

CONHECIMENTOS UTEIS.

SOBRE A FIAÇÃO DA SEDA.

(Carta.)

3007 Não posso deixar de responder ao artigo 2951 do seu scientifico jornal, sobre o methodo de fiação dos casulos; porque vem taxando os portuguezes de pouco assiduos n'este ramo de industria.

Diz o Sr. Manuel José Affonso que o methodo de fiação dos casulos é geralmente desconhecido. Eu julgo que não seria preciso recorrer n'esta parte ao benemerito Sr. *Tinelli* para uma coisa tão insignificante; bastaria talvez consultar alguma pessoa da provincia da Beira Alta, aonde se colhem algumas arrobas de casulos, e tudo lá é fiado e tractado escrupulosamente, sobre tudo no termo de Pinhel; e Guarda, onde ha muitos annos se entregam a esta industria, de que tiram algum resultado.

Não duvidamos, de que haja outro processo mais moderno e melhor; todavia não é para se dizer que ninguem tem noticia de nenhum.

A cultura da seda não é nova para Portugal: o que tem havido é falta de impulso da parte dos governos (*). Consulte-se o logar de *Seropires* no dicto termo, onde o capitão *Manuel da Fonseca*, estabeleceu em grande uma fabrica de fiação, mandando vir de Italia muitas fiandeiras: isto não aconteceu ha tantos annos que seja ignorado por todos.

O processo usado desde tempo antigo é o seguinte: — uma caldeira de embocadura estreita, e suspensa a pouca altura do chão, tem na borda, pela parte de fóra uma chapa de ferro perpendicularmente, com um orificio no meio por onde passa o fio da seda; — n'esta caldeira deita-se a agua, e uma porção de casulos; fervem-se os casulos até estarem costdos: — para se conhecer se o estão, usam de uma especie de vassourinha dos ramos seccos da cabaça com que mexem; e mergulhando muito bem, os fios dos casulos vêem agarrados, despegam-nos da vassoura, e juntam-nos com a mão, formando um fio muito grosso, que se enfia pelo orificio que a chapa contém, e d'aqui passa a pegar-se na roda, que está armada a pouca distancia: faz-se andar, e o fio vae seguindo, e ficando logo tão fino, que se torna quasi invisivel: enquanto a roda está a andar, está uma mulher regulando com a mão o fio entre a caldeira e o orificio, conservando-se sempre um lume muito brando. A roda é larga, e da fôrma d'uma debadoira: depois de acabada toda a seda da caldeira, em que só devem ficar os bichos, tira-se a roda, e poem-se a seccar ao sol; faz-se o costal, como qualquer outra meada, enrola-se, e assim se vende por muito bom dinheiro.

Julgo que este processo é bem facil de intender.

Isidoro José Gonçalves.

(*) Louvores sejam dados ao actual governo, que tem corrido bastante para o impulso d'esta tão rica industria que promette a Portugal grandes vantagens.

A importância do districto da ilha Terceira será razão, para que os nossos leitores nos não desagradeçam a publicação dos seguintes authenticos mappa, que de lá, ha muito, se nos remetteam, e que são mais uma prova do zelo e intelligencia do respectivo governador civil.

3008

MAPPA SOBRE A INDUSTRIA AGRICOLA DA ILHA TERCEIRA.

TERRENOS CULTIVADOS.

N.º 1.	CONCELHOS.		De Cereaes				De Vinhas				De outras culturas			
	Superficie total		Valor		Superficie		Valor		Superficie		Valor		Superficie	
	M.º	Alq.º	Venal	Locativo	Venal	Locativo	M.º	Alq.º	Venal	Locativo	M.º	Alq.º	Venal	Locativo
Angra do Heroismo.....	1994	49	1184	9½	1.841:300\$000	166:526\$750	81	5¼	135:254\$500	7:107\$209	17	25	71:597\$000	3:615\$000
Praya da Victoria.....	10902	6	6375		9.360:000\$000	246:592\$000	275	30	461:260\$000	29:807\$000	303	40	218:780\$000	14:644\$000
S. Sebastião.....	1402	30	559		481:680\$000	28:152\$000	4		1:360\$000	96\$000				
Total.....	14:299	25	8118	9½	11:682:930\$000	441:270\$750	360	35¼	593:374\$500	37:010\$200	321	5	290:377\$000	18:259\$000

CONCELHOS.	OLIVAES.		ARVORES DE FRUCTO.				TERRENOS INCULTOS.				Mattas e Bosques				
	Valor		Superficie		Valor		Com arvores		Sem arvores.						
	Superficie	Venal	Locativo	Venal	Locativo	Superficie	Venal	Locativo	Superficie	Venal		Locativo			
Angra do Heroismo.....	40	3:400\$000	170\$000	154	2	497:920\$000	36:990\$000	364	59½	98:776\$915	58:309\$831	183	273	25:316\$462	2:055\$374
Praya da Victoria.....		\$	\$	10	6	33:675\$000	1:855\$200	109	40	43:300\$000	2:225\$000	3227	10	505:773\$500	34:544\$300
S. Sebastião.....		\$	\$	1		48\$000	24\$000	203		144:540\$000	9:626\$250	635	30	180:213\$000	9:010\$653
Total.....	40	3:400\$000	170\$000	165	8	531:643\$000	38:369\$800	677	39½	286:516\$915	79:161\$081	4046	73	711:302\$962	45:610\$323

SOBRE A INDUSTAIA AGRICOLA DA ILHA TERCEIRA.

Observações. — De quasi todas as freguezias da Ilha Terceira informam, que a falta de pastagens é a maior difficuldade que impede a criação de gados. — Em verdade a maior parte das povoações carecem de terrenos proprios para pastos, e assaz extensos para criação de grandes manadas e rebanhos. Os cultivadores são pela maior parte rendeiros e foreiros pobres; e alguns d'estes infelizes teem-se visto na necessidade de arrotearem terrenos, que n'outros tempos produziam sómente pastos, semeando-os de trigo e milho, para mais facilmente satisfazerem os seus encargos. — Ha um grande clamor contra a criação das cabras; não só porque estes animaes damninhos estragam os pastos, se não porque em regra os cabreiros são homens máus, que destroem a cultura, derribam os tapumes e commettem toda a casta de excessos. — Ha porém grande indolencia na maior parte dos cultivadores de todas as especies, emquanto á criação dos gados. Pondo de parte o muito que poderia dizer-se para abonar esta asserção, bastará notar, que é ainda rarissimo o uso que se faz de pastos artificiaes, com quanto tenham sido assaz esperançosos alguns ensaios, que d'esta cultura se tem feito na Ilha.

QUESITOS Á CERCA DO MAPPA N.º 2.

1.º **QUAES** os generos que mais usualmente se cultivam — qual a razão de preferencia que o povo dá a cultura de taes generos?

Re sposta: — Trigo, milho, batatas, tremoço.

A razão porque os povos preferem a cultura d'estes generos, é porque os terrenos são muito mais proprios para esta cultura, do que para a de outras. Além d'isso encontram os lavradores grandes vantagens n'estes generos, pois que com os trigos pagam os fóros, e rendas aos senhorios — com o milho se alimentam a si e a suas familias, pagam aos jornaleiros e sustentam animaes — das batatas tiram um grande partido para a subsistencia — e com a planta do tremoço estrumam a terra, e em certa epocha do inverno sustentam os gados.

Alóra estas razões deve tambem ter-se em linha de conta a consideração de serem os dois primeiros generos o principal objecto da exportação da Ilha, produzindo por este motivo mais avultados interesses.

Além d'estes *principaes* generos, são tambem objecto de cultura, se bem que em muito menos escala, os seguintes: centeio, cevada, linho, feijão, ervilha, fava, chicharo, e inhame. Cultiva-se toda a sorte de hortaliças — e aqui e acolá apparecem algumas arvores de fructo, como maceiras, castanheiros, nogueiras, etc.

A laranja faz hoje a riqueza de algumas freguezias, com especialidade a da freguezia da Terra Chã. — A cultura das preciosas arvores, que a produz, está muito adiantada e a exportação d'esse fructo para a Inglaterra é já consideravel. Cultiva-se a vinha em algumas freguezias, nunca porém virá esta a ser o ramo da maior riqueza da Ilha.

2.º Qual é o termo medio das despezas de cada cultura e qual a relação entre o producto bruto, e o producto livre?

Sobre este objecto não póde estabelecer-se com se-

N.º 2.		CONCELHOS.	
Angra do Heroismo....		EMPREGADOS NA AGRICULTURA.	CAVALLLOS E EGUAS.
Praya da Victoria.....	15	EMPREGADOS EM TRANSPORTES.	
S. Sebastião.....	49	EM MANADAS.	
Total.....	64		
		EMPREGADOS NA AGRICULTURA.	BOIS.
	152	EMPREGADOS EM OUTROS SERVIÇOS.	
	209	EM MANADAS.	
	88		
	5		
	14		
	107		
	2360		
	100		
	410		
	410		
	5502		
	508		
	50		
	2014		
	100		
	2114		
	3553		
	488		
	1213		
	398		
	698		
	152		
	1458		
	1135		
	356		
	42		
	1		
	305		
	119		
	16		
	2629		
	4056		
	986		
	1947		
	1057		
	55		
	7559		
	9034		
	1404		
	17997		

gurança qualquer asserção; no entanto parece-me que a seguinte tabella que já n'outra occasião appresentei ao governo, satisfaz pelo modo possível a este quesito tendo em consideração que necessariamente se ha-de encontrar variação, segundo certas circumstancias especiaes do terreno e do cultivador.

Braças de Terreno	Alqueires de Trigo	Alqueires de Milho	Alqueires de Cevada	Alqueires de Centeio	Alqueires de Feijão	Alqueires de Fava	Alqueires de Batata	Alqueires de Tremoço	Quintaes de Linho em Rama	Almudes de Vinho	N. B.
1:000											A semente do Linho faz as despesas da sua cultura. Da produção livre ha-de ainda deduzir-se o dizimo.
Produção Bruta	60	120	150	75	60	75	600	120	3	50	
Produção livre	40	94	120	60	52	53	443	108	3	43	

3.º O estado de atrazo, ou de perfeição nos methodos da cultura, e melhoramento de que é susceptivel.

Póde dizer-se afoitamente, que o lavrador da Ilha Terceira tem feito em certas localidades tudo quanto cabe em suas aponecadas forças para fertilizar o terreno. — Nas freguesias dos Altares e do Raminho tem elle um trabalho insano, qual é o de ir buscar ás entranhas da terra uma camada vegetal para a lançar na superficie e tornar assim productivos os terrenos que cultiva. — Eu mesmo presenciei as fadigas d'aquelles agricultores na occasião em que cavavam até grande profundidade, para depararem com um pouco de barro, a fim de o lançarem por cima do terreno, e accommodal-o assim para a produção á força de trabalho e de alguns adubos. — Na freguesia da Sarreta, onde tambem o terreno é *bagacinoso*, costuma o infeliz cultivador aproveitar as grandes enchentes, que descem das montanhas na estação desabrida do inverno, para arrojarem as camadas de *bagacina* ao mar, e ficar o terreno na camada mais vegetal.

Em outros pontos é mister empregar consideraveis fadigas para desembaraçar o terreno de immenso pedregulho, restos de lavas que os volcões vomitaram em eras remotas; com a pedra que tiram fazem abrigos para plantios, e sementeiras, que só no cabo de muito tempo lhes pagam os seus suores — E finalmente até das areias do mar se aproveitam n'alguns logares para adubar a terra.

No de mais usam ainda estes lavradores de todos os instrumentos de que seus antepassados se serviam; as mesmas praticas, e o mesmo theor de lavoura. — ¿E como se atreveriam elles a fazer innovações sendo tão pobres, e ao mesmo tempo tão destituidos de modelos, de exemplos para imitar? As innovações, as experiencias e as tentativas em objectos de agricultura demandam tantos conhecimentos quantos recursos pecuniarios, e infelizmente faltam uns e outros aos lavradores da Terceira. Muito convinha pois que no ponto mais accommodado da Ilha se estabelecesse uma *quinta experimental*, ou *quinta modelo* onde se fizessem tentativas e experiencias, em trabalhos agricolas, onde se offerecessem modelos, exemplos, e até incentivos á curiosidade e ao interesse do cultivador.

Mas para que aproveitasse este expediente fóra mister que se aforassem todos os terrenos vinculados que se acabasse com os rendimentos: que se repartissem alguns baldios por familias necessitadas: que se desse impulso ao estabelecimento de algumas povoações nos sitios para semelhantes destinos proprios; e em uma palavra, que se olhasse seriamente para uma classe tão interessante, quanto infeliz, a dos lavradores.

4.º ¿Quaes são as arvores que de preferéncia crescem nos terrenos incultos; e se as arvores, que alli crescem, são ou não proprias para alguma especie de construcção, e para qual?

Resposta. — Pinheiros, alamos, faias, cedros, e são proprios para construcções de instrumentos de lavoura, e outras *construcções* necessarias

¿Se os terrenos incultos são ou não de natureza improductivos? —

N'esta parte ha grande desleixo nos terceirenses. Podiam plantar muito arvoredo que em verdade faz falta á Ilha. É por exemplo para lamentar, que não plantem asinheiras, soveiros, carvalhos, castanheiros e até oliveiras nos sitios mais abrigados, além de outras arvores, que produziriam excellentemente na maior partes dos terrenos incultos, pois que talvez nenhuns existam, que possam dizer-se improductivos.

5.º Se os braços empregados na cultura são ou não do paiz.

Resposta. — São todos do paiz; com rarissimas excepções. —

MANEIRA DE OBTER O ACIDO OXALICO.

3009 Eis o processo o mais vantajoso, e simples, para se obter este sal. Mistura-se uma parte de assucar seceo na temperatura de 100º; com oito partes de agua forte, do peso especifico de 1,38; evapora-se a sexta parte da mistura, e faz-se crystallisar depois de a submeter á ebulição. Esta operação o mais que póde levar a fazer será uma ou duas horas.

De cada 100 partes de substancia empregada, obtem-se 58 a 60 d'acido oxalico com uma bella fórma de crystallisação.

N'esta preparação val a pena que empreguemos, uma, ou duas horas, por ser hoje, uma substancia muito usada para tirar as nodoas de tincta do papel, sem ser preciso raspar-o. Além d'isso, o que se vende por ahí é quasi todo falsificado, e não produz os effeitos desejados.

Isidoro José Gonçalves.

SOBRE A COMPOSIÇÃO DO LACRE.

(Carta.)

3010 LENDO no artigo 2806 do seu jornal, a receita para fazer lacre, vejo que o Sr. José Eutiquio de Almada Corrêa Pimenta, não declarou a porção de theribintina, que se lhe deve ajunctar; por isso rogo a V. o favor de me illucidar a este respeito.

De V. etc.

Horta 13 de Maio de 1844.

M. M. de M. B.

N. B. A redacção confia em que o annunciador d'aquella receita não deixará de a completar.

TINTURARIA.

3011 PUBLICOU-SE o quinto livrete da *collecção de receitas* de tinturaria: de paginas 247 a 310. Contém — curcuma longa — curcumina — páu amarello — grão de Avinhão — assafrão — assafarina ou polychroite — rocou (ourucu) — marcela — folhas de salgueiro — anil.

Á CERCA DO PROJECTO DE UMA ESTRADA NOVA DESDE O LARGO DO CONDE BARÃO ATÉ SANCTO AMARO.

(Carta.)

3012 MUITO me admira que, sendo a *Revista Universal Lisbonense*, um dos periodicos que tem dado mais provas de bom senso e tino de seus redactores, se atreva a publicar agora um artigo que faz pôr em duvida o conceito optimo que por parte do publico até hoje tem gosado.

Sob o titulo — *Projecto de uma estrada nova desde o largo do Conde Barão até Sancto Amaro* — artigo 2952, — se desenrola um apontado dos disparates mais extravagantes, que pôde nutrir a imaginação esquentada de um doudo!

Com effeito! — ¿ que necessidade ha de fazer com muito custo, muito incommodo e muito dinheiro, uma estrada inutil, havendo uma estrada tão bella, tão formosa, tão agradável, como aquella a que vulgarmente chamam a rua direita? ¿ Quem iria transitar por uma rua deserta e incommoda no inverno, tendo parallelamente uma rua agasalhada, de muita passagem e soberbamente calçada? ¿ Para que se hão de cortar rochas, demolir fortes, tercenas, casas, entulhar lagôas?

Quanto ás suppostas vantagens e economias, isso é um sonho de dormir inquieto. Tão longe é e tão de pressa se anda o caminho do largo do Conde Barão até Sancto Amaro, pela rua direita, como se fosse pela estrada que felizmente só ficará em projecto, — eu pelo menos assim o desejo de todo o meu coração. ¿ Pobre companhia dos omnibus! — Coitada se caísse em tal: era um meio seguro de se perder de todo, — verdade é que pouparia as ferragens — segundo diz o Sr. B. auctor do projecto; ¿ mas quanto poderia poupar? ¿ Um tostão cada anno? . . . Seria o mais.

Pedimos ao Sr. B. que veja se se lembra de outro projecto; — n'este não achamos furo. — Proponha alguma coisa a respeito da illuminação da cidade por meio do gaz.

31 de maio de 1844.

C.

N. B. A redacção, ensinada pela propria experiencia, intende dever extirpar logo do principio toda a questão, que, ameaçando tornar-se renhida, difusa e fastidiosa, (mormente quando o assumpto, bem considerado, não val a pena) desgostaria a pluralidade dos leitores. O Sr. B. deu as suas razões a favor da estrada nova: o Sr. C. deu as suas contra a estrada nova,

Non nostrum, inter B. et C., tantas componere lites; o publico e os peritos que sentencem, que ahí teem já no processo mais que bastante.

Não deixaremos porém de observar ao Sr. C. — que achamos sobre-maneira improprio o estylo, com que tracta ao seu collega no alphabeto. O Sr. B. pôde n'es-

te caso ter errado, mas um erro não é loucura, e a boa vontade, que o Sr. B. n'este artigo mostrou, e já havia mostrado em muitos outros, a respeito do interesse publico, não merecia ser tractada pôr semelhante modo mormente quando, emvez de um nome assignado por inteiro, só se manda sair ao duello um C., um typo — contra quem não é possivel reconvir.

PORTO DE QUE ESTÁ CARECENDO A ILHA DE S. MIGUEL.

(Carta.)

3013 TENHO o gosto de ser assignante do seu mui curioso e scientifico jornal, e aprecio o ardente e nunca desmerecido zêlo que V. tem por tudo quanto é portuguez. A *Revista* (estou bem certo d'isto) é hoje lida com avidez por aquelles dos seus assignantes que, de véras, amam as coisas patrias, não só por ser ella uma boa fonte d'onde dimanam conhecimentos uteis tendentes a todas as sciencias, mas tambem porque offerece aos leitores as noções da sã moral, e, não poucas vezes, as da religião. Passemos já ao objecto d'esta carta, visto que todos os encomios não bastam para dizer — o quanto a *Revista* é hoje util aos portuguezes.

Esta ilha, como nacionaes e estrangeiros o confessam, é mui populosa, — rica, — e commercial; mas é pena que não possua um porto que zombe das tempestades, e dos ventos quadrantes, que aqui reinam a mór parte do anno. Muito se-ha fallado na construcção de uma doca para defender das furias do oceano as numerosas embarcações que demandam este torrão hoje de tanta nomeada, mas debalde porque não ha quem abone os meios pecuniarios para tão magestosa obra, que algum dia viria a ser uma renda certa e avultada para o governo. Mas já que se antolha esta grande difficuldade — ¿ não será possivel, ao menos, conseguir-se um abrigo mais pequeno para as embarcações costeiras que, das mais ilhas d'este archipelago, tambem aqui aportam? — N'isto, a meu vêr, não haveria grande despeza, em razão de haver n'esta cidade um pequeno porto denominado — *areal de S. Francisco*, — cujas aguas banham a face do castello que olha para o nascente; e só a incapacidade d'elle, para conter as embarcações costeiras — consiste no pessimo estado em que o vendaval de 5 de dezembro de 1839 deixou a muralha, que o abrigava, n'outr'ora, pela parte do sul. Reconhecendo esta urgente necessidade o mui digno governador civil, Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello, representou ao governo de Sua Magestade as vantagens que resultariam ao commercio se se levasse a effeito a reedificação da dicta muralha; e este mandou, entre outras coisas tendentes ao mesmo assumpto, que se procedesse ao respectivo orçamento, ao que me parece satisfaria aquella auctoridade: e, segundo as informações que me deram, se orçou a despesa em 30:000 \$ Ora, se o governo fizer este pequeno sacrificio a uma ilha que tantos e tão valiosos serviços lhe ha prestado — ¿ não grangeará elle a bençã de seus laboriosos habitantes, e não lhe renderá depois esse mesmo sacrificio uma boa quantia proveniente das embarcações que acharem segurança no mesmo porto?! — Certamente que sim. — Pois então nada mais direi sobre as vantagens que infallivelmente resultariam d'esta obra

ao commercio e á agricultura d'esta bella ilha — minha patria.

De V. etc.

J. I. C.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

VICTORIA DE MONSANTO.

11 DE JUNHO DE 1704.

3014 **FALLAR-VOS-HEI** de uma batalha, e de uma victoria, que no seu tempo devia de ter grande nomeada, e que hoje se apagou da memoria dos homens; sorte que tambem ha-de chegar a muitas batalhas e victorias, e a muitissimas outras coisas dos nossos dias, até que algum meu collega de seculos futuros, basculhando a poeira de algumas bibliothecas, inge-nhe alguma commemoração para regalar os seus leitores, como eu na minha consciencia intendo, que vos regalo a vós. — Mas basta de preambulo, que já vos vejo impacientes por saberdes ao certo quantos botes e cutiladas deram os cabelleiras d'el-rei D. Pedro II em castelhanos e francezes. — Como em coisas tão melindrosas não desejo faltar á verdade, aqui vos trago o Rv.^{do} Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, que abrindo a sua *Ephemeride Historial* no lugar que por cautella, e por vos poupar fastio já vem registado, vos dirá as seguintes palavras.

— «Juncto a Monsanto o exercito de Portugal vence e desbarata os francezes e castelhanos de outro exercito, mandado e governado por D. Francisco Ronquillos, que pelejava pelo duque de Anjou, intitulado Philippe V, rei de Hespanha. Era general do nosso o marquez das Minas, que ficou ferido no rosto, e em uma mão, e da nossa gente entre ferida e morta 50 soldados. Dos inimigos morreram mais de 300; e presos e feridos 150 cabos e officiaes de guerra; tomados 6 estandartes, e toda a bagagem e equipagem, quatro galeras, muitos carros, barracas, e armas.» —

¿Quereis saber mais alguma coisa? não vos julgo tão indiscretos. Bem vêdes que se o bom do Beneficiado vos dissesse agora tudo, não lhe ficava nada para a outra vez. Não é elle homem que desconheça a applicação do texto — *Et sonitus buccinæ paulatim...*

J. H. da Cunha Rivara.

SATISFACÇÃO DO COMMEMORADOR.

(Carta.)

3015 **BEIJO-LHE** as mãos pela premtidão, com que no artigo 2955 acudiu por mim quando uma nobre senhora accusou de impia certa phrase minha na commemoração do n.º 38. — V. disse tudo quanto eu poderia dizer com verdade em minha defesa, e nada tenho para acrescentar; porque com effeito a phrase censurada é ironica, mas infelizmente foi tomada á letra como expressão de minha propria opinião. Com tudo se ainda assim a Exm.^a Queixosa se não dá por satisfeita, desde já me desdigo de tudo quanto na sobredicta commemoração, e em todos os meus mesquinhos escriptos, possa haver de offensivo aos pios ouvidos.

De V. etc.

Evora 27 de maio de 1844.

J. H. Cunha Rivara,

D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

III.

O REI E O POETA.

Sancto era elrei Luiz de França, sancta sua tenção, e mui catholica a gente que levava contra os inimigos da lei de Christo, e foi desbaratado, preso e cativo.

(Hieronimo de Mendonça. — Jorn. d'Africa.)

3016 **NÃO** é nosso proposito seguir passo a passo a expedição de Africa pelos portos de Lagos, Cadix, Tanger e Arzila, nem ainda entranharmo-nos com aquelles centenares de aventureiros christãos, já então reforçados dos agarenos de Muley Mahamet, até ao campo de Alcacer-Kibir, nem indagar se attendidos os conselhos dos velhos fronteiros, e até os do Xarife e seus capitães, ainda a salvação era possível; e menos descrever a batalha de 4 de agosto, que não tem ella poucos historiadores, a par dos quaes só mostraríamos pouquidade e pobresa: — correremos um véu sobre as façanhas do rei portuguez, dos seus vassallos, e dos estrangeiros que tanta coragem ostentaram.

¿Um só dia!... algumas horas! — e trinta mil cadaveres de senhores e de escravos, nivelados pelo anjo da morte, mostravam as feridas por onde a vida se lhes escoára, e cobriam o areal, transformado então em um lago de sangue, ou eram arrastados na corrente do Lucus — mais vermelho que o Erithréo por espaço de alguns dias.

Tres reis se perderam tambem: — Muley Moluco expirou de um accessó febril no meio do combate, o Xarife precipitou-se no Lucus, e D. Sebastião... oh! d'esse ninguem soube então o destino, e porventura em tempo algum se conheceu realmente.

Depois de mil gentilezas de armas, o rei cavalleiro se entranhou, adaga em punho, pelas cohortes mouriscas; a sua espada similhava a do anjo do exterminio, levava a morte áquelles que tocava na passagem! — desapareceu entre mil alfanges. — É quanto dizem os portuguezes que, ultimos, o viram — D. Luiz de Lima, e Luiz de Brito, o salvador do estandarte real, — ambos depois prisioneiros.

¿Aonde condusiram pois o rei ou o seu cadaver? — ¿Morreu, foi prisioneiro ou salvou-se? — O Lucus não o envolveu em suas aguas, aliás o seu corpo apparecêra como o do Xarife; não foi reconhecido entre os mortos do campo, — ficção foi essa dos velhos cavalleiros para o salvar se ainda existisse, — nem nas masmorras de Fez, nem regressou á patria a empunhar o sceptro, nem por então se ouviu fallar d'elle no mundo. Todavia muitos portuguezes começaram a esperar o seu regresso, e esta nova seita veio occupar as attensões da Europa em lugar de outra similhante levantada na Escocia, e que então começava a desesperar da volta do rei Jacques IV, morto na batalha de Flodden em 1513. — Investigar se nossos avós d'aquella época tinham razão n'este ponto, será objecto de nossas lucubrações em os seguintes capitulos.

E entretanto, releve-nos o leitor que nos transportemos em rápido voo a Portugal, não para vêr a cons-

ternação de tantas familias, que não ha ahi palavras que possam copiar tamanha dôr, mas para presenciar o destino de um homem ligado estreitamente á acção que nos propozémos esboçar.

A nova fatal da perda do rei e da flor da nobreza, que a olhos vistos sepultava a independencia e a gloria de Portugal, chegou até á humilde poisada do antigo guerreiro de Africa e do oriente, do cantor das façanhas lusitanas, — e o homem que travára de elrei D. Manuel com um braço, e de Vasco da Gama com o outro, que se elevára com elles á immortalidade por entre os escólhos da miseria e da calúnia, — tão mal pago dos seus, que só encontrou conforto e verdadeira affeição no pobre Jáu comprado como um objecto material; olvidando agora as ingratidões de principes e de povos, para só se lembrar da perda do seu rei e da sua patria, — maior que Catão ao ver expirar a republica entre as ruinas de Utica — escutando rasgar as veias — de puro despeito se finou exclamando como o ultimo romano: — *Patria, ao menos morreremos junctos!*

¡Que perda! D. Sebastião. . . . Camões! Eram as armas e as letras personificadas; — eram os genios da cavallaria e da Epopéa! . . .

¡E de ambos desconhecem hoje os portuguezes aonde descansam os restos mortaes de ambos! — ¡Um, o mais bravo, e mais cavalleiro de todos os seus reis, — o outro, o mais probo, o mais sabio de seus contemporaneos!!!

Francisco Maria Bordallo.

(Continuar-se-ha.)

A FOLHA SECCA.

A MEUS PAES.

J'envoi un soupir a ceux qui m'aiment.

Byron, tr. de B. L.

3017 **MIRRADA**, secca folhinha,
N'aza do vento onde vais?
Espera; — leva contigo,
Um suspiro, e nada mais;
Se os montes d'além passares,
Has-de leval-o a meus pais.

A meus paes! . . . talvez nest'hora
Vendo o meu leito deserto,
Vendo á meza abandonado
O lugar onde era certo,
Como eu revolvam na mente
Do regresso o dia incerto!

Mas, folha, chega-te ao seio,
Une-te ao meu coração,
Que has-de partir inda quente
Do calor d'este volcão,
Hei-de abraçar-te e' o pranto
Da mais pura devoção!

Brinco innocente das auras,
És toda o retrato meu;
Foste já viçosa e bella,
Hoje teu viço morreu;
Infesto noto soprou-te,
Verme ruim te mordeu!

Sou qual és, e fui qual foste,
Nem só tu és malfadada;
Se do tronco onde pendias
Te cegou féra rajada,
Ao lar paterno roubou-me
Do infortunio a mão gelada.

Sou tambem folha mesquinha
Que na esp'rança vicejei,
Occulto verme roeu-me
Não mais n'arvore fiquei:
Sopra-me a brisa ao acaso,
Onde, ai triste, pousarei?

¿Quem sabe? talvez bem cedo
S'èrga o espectro da morte,
Que sob o musgo da campa
Amanhã m'esconda a sorte,
Que minhas cinzas dispersas
Dentro em pouco espalhe o norte!

¿Mas que penso? — Pobre folha,
Veloz corre ao lar paterno,
Fende os ares como o raio
Que despede a mão de Eterno,
Corre veloz, não te pése
Suspiro d'um filho terno!

Foge, vae, não te demores,
Sê mensageira fiel,
Pinta ao vivo, se podéres,
Minha saudade cruel,
Saudade, que me distilla
Dentro n'alma acerbo fel!

Negro cachopo, onde morrem
As vagas do pensamento,
Ausencia, como é amargo
O teu primeiro momento,
O adeus da despedida,
A hora do apartamento!

Trago-te inda impresso n'alma,
Dia solemne e fatal,
Vejo-te inda em pranto immersa,
Candida mãe, sem igual,
De meu pae sinto os soluços
N'aquelle abraço final!

Mas basta — que fa acordando
O cadaver do passado,
Ia erguendo ao que já fóra
O negro manto pesado;
— Folha, adeus! — corre ligeira,
O céu te ceda bom fado!

Coimbra 2 de maio de 1842.

A. Lima.

NOTICIAS.

MARTE, VENUS, BACCHO E UM SACHRISTÃO.

3018 José Pinto tractava amores com Maria de Jesus. José Pinto servia como soldado na segunda

companhia municipal do Porto, Maria de Jesus como criada em certa casa da mesma cidade: mas nem na casa do patrão de Maria de Jesus, nem no quartel do regimento de José Pinto havia commodos, segundo parece, para o seu commercio clandestino.

O sachristão da igreja do Carmo, que, não sabemos como, apparece aqui por medianeiro, condoído d'este forçado apartamento dos dois amantes, offereceu-lhes para os seus colloquios nocturnos, o que estava ao seu dispor, — a igreja do Carmo. A 15 de maio quando já a escuridade favorecia o intento, chegou o nosso municipal, e mandou recado pelo acólito á sua Thisbe de que a ficava aguardando; a sua Thisbe, acompanhada do mesmo acólito, não tardou em chegar ao logar aprazado, ao *sitio das vistas* como diriam os nossos classicos, ou do *rendez-vous* como hoje fallamos. — Recolhendo-se com ella para o templo, ebrio de amor e de vinho, Pinto pediu ao seu condescendente paranymphe que lhe fosse comprar uma garrafa do bom. — Assim que se viu a sós com a eleita do seu coração, desfechou á pancadaria sobre ella, tanto e tão déveras que (dizem) a chegára a ferir.

O como ella se lhe livrasse das mãos ignorámo-lo tanto como a causa de tão inesperavel desfecho: o que sabemos é que — no dia seguinte Maria de Jesus se queixava ao commandante da guarda do comportamento tão pouco municipal do seu soldado, e que dois dias depois este por um conselho de guerra era expulso do corpo e entregue ao quartel general, para ir servir em tropa de linha, pagando 2400 réis para o curativo da referida: — e que o cerofenario era demittido pela competente auctoridade do serviço de uma igreja em que se avinha como o poderia fazer o padre Barcho do Camões na capella do Espirito Sancto em Moçambique.

POESIA LATINA DO SR. F. M. BASTOS.

3019 Caídas como estão em desuso e desprezo as musas latinas, é quasi heroico o compôr e imprimir um livro em que nada mais se encontre senão isso. O Sr. Martins Bastos o ousou, e já por isto é elle credor de admirações: eis-aqui o titulo e o contheudo do seu opusculo, que nós acabamos de lêr com a devida attenção — *Francisci Antonii Martins Bastos, Hibernico Beati Patricii in Collegio Linguae Latinae professoris carmina.* — Compreende esta obra nas 46 paginas de que se compõe, depois de uma dedicatória em prosa *Josepho Ignatio Andrade, doctissimo epistolographo*, e de uma prefacção tambem em prosa, — 1.º *praelusio poetica*: — 2.º *Maria II, faustissimo, ejus natalitio, ecloga*: — 3.º *Ad Ferdinandum II faustissimo ejusdem nominis die, ecloga*: — 4.º *Ferdinando II faustissimo ejus natalitio, ecloga*: — 5.º *Beatissimo Gregorio XVI, ecloga*: — 6.º *ornatissimo atque sapientissimo Silvestri Pinario Ferrerio, pacificorum academiae, praesuli facto, ecloga*: — 7.º *Mariae virginis in solemnissimo assumptionis festo*: — 8.º *Mariae virginis septem dolorum in solemnitate*: — 9.º *Jesu Christi, solemnissimo in natalitio, ecloga*: — 10.º *Publii Virgilii Maronis, in mortem, ecloga*: — 11.º *Jesu Christi in resurrectione gloriosa, ecloga*: — 12.º *Epitaphium.* — 13.º *Joanni Statio Mourato epitaphium*: — 14.º *Josepho Joaquimio a Regibus Vasconcellio, epigramma*: — 5.º *De Emilia e de Leonido.*

Não nos deteremos a analysar a substancia propria-

mente poetica d'esta obra; tempo, espaço e talvez competencia tudo para isso nos fallece, contentando-nos n'esta parte com dizer que ao revez dos *zailos* de quem o auctor se queixa por lhe exprobrarem o tomar a miúdo de Virgilio, nós folgamos com a fidelidade da memoria do Sr. Bastos que tão frequentemente nos reproduz hemistichios e versos inteiros d'aquelle poeta, amores nossos.

O nosso intuito é outro: — é dizer summariamente o que pensamos ácerca, não da linguagem latina (que sendo mestre d'ella ha muitos annos melhor do que nós a deve conhecer o Sr. Bastos) mas a respeito da execução metrica: esta em nossa opinião não é o que podéra nem o que devéra ser. Podemos errar mas diremos com liberdade o que sentimos porque a adulação em materias litterarias havemol-a por culpavel sobre vergonhosa: e não tememos que o Sr. Bastos se offenda com reparos que não são dictados, senão pelo muito amor, que temos, assim como elle, á poesia classica da nossa creação. Parece-nos pois que em geral não ha entre os pés d'estes hexametros o necessario travamento, quasi constantemente observado pelos bons poetas e recommendado por todos os preceptistas. Logo o verso primeiro, o terceiro e o quarto

Jam nox pallida Caelo lucida sidera pascit,

Cordaque irrigat, altaque spirat somnia menti,

Munere divum tempore quando dulcia carpens,
são tres notaveis exemplos d'isto: — em todos estes versos cada um dos seis pés abrange palavra inteira, ficando assim desligado do antecedente e do seguinte.

Os hemistichios tambem não são pelo commum devidamente marcados, o que bem sabe o auctor quanto pela continuação chega a cançar aos costumados com Virgilio, Ovidio, e ainda com os poetas de segunda ordem, Stacio, Lucano, Claudiano, Valerio Flacco, Silio Italico e todos.

Finalmente levado atraz do pensamento e escrevendo porventura com demasiada facilidade, as quantidades nem sempre são attendidas pelo auctor: eis-aqui algumas poucas provas: não sairemos da *praelusio poetica*: — verso terceiro: —

Cordaque irrigat, altaque spirat somnia menti.

O primeiro pé não póde ser o dactilo *cordaque* porque o *que* tem de ser necessariamente absorvido pela concorrencia de vogaes na primeira syllaba do *irrigat*, logo o primeiro pé é espondeu, e mas como espondeu se a ultima de *corda* é necessariamente breve o que o torna choreu ou trocheu? — Verso 6.º —

Tum mihi fulvus Apollo ab astris visus adesse;
ab é breve e vem aqui trazido como longa para remate do terceiro pé que é espondeu. — Verso 10.º —

Lingua quando latina silet, componere versus;
a ultima de *Lingua* visto não estar em ablativo não póde ser senão breve; mas aqui está como longa, salvo se de *Lingua* se quizesse fazer um trissyllabo dactilo do que não ha um só exemplo, que nós saibamos, em poeta latino de boa ou de má nota.

Todas estas observações porém não provam senão a grandissima difficuldade de metreficar em uma lingua estranha, e tal lingua como esta, pois que nem um tão assiduo estudo, como o do Sr. Bastos, se póde eximir d'estes peccadetes.

O que nós pediríamos ao nosso auctor se o ousassemos era, que — emvez de malbaratar o seu pre-

cioso tempo em escrever o que ninguém lê, *lingua quando latina silet*, continuasse pelo contrario a passar os poetas latinos para o nosso idioma como já fez a Persio e a Juvenal: traducções, que não chamaremos perfectas, porque traducções perfectas e mais d'aquelles escriptos não cremos que as possa haver, mas que, em nosso conceito, possuem um merito não vulgar; e são d'entre as obras, até hoje publicadas pelo Sr. Bastos, as que mais longamente hão-de viver.

O TROVADOR.

3020 Assim se intitula uma collecção extreme de poesias liricas, principiada a publicar ás folhas, em Coimbra, na semana passada.

Na primeira que nos acaba de ser remettida leem-se — *A invocação — e a estrella* pelo Sr. J. de Lemos (João de Lemos Seixas Castello Branco). — *Só Deus* pelo Sr. A. X. R. Cordeiro (Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro). — *A estatua* pelo Sr. J. F. de Serpa (José Freire de Serpa Pimentel). — *Desesperança* pelo Sr. A. M. Couto Monteiro (Antonio Maria do Couto Monteiro). — *A manhã de quem serás* pelo Sr. A. Lima. — *Recordação* pelo Sr. L. da C. Pereira (que julgamos ser o Sr. Luiz da Costa Pereira). — *Innocencia* pelo Sr. A. Gonçalves Dias.

Exceptuando o 2.º, 6.º e 7.º todos estes poetas manebos são já mais ou menos conhecidos e estimados dos leitores do nosso jornal, que tem tido a boa sorte de ser o primeiro revelador de muitos talentos patrios, com cujos nomes se tem ainda de ensoberbecer a nossa historia litteraria.

Todas estas poesias pertencem rigorosamente á escola moderna, e algumas d'ellas encerram bellezas muito notaveis. Satisfação é para nós o vermos assim provado, que os ocios poeticos, que ha annos pareciam haver desaparecido da formosa Coimbra, reflorescem com toda a pompa entre a mocidade academica, com quem nos prende uma antiga e indissolvelvel fraternidade.

Aos amantes da litteratura recommendamos muito particularmente este cancionero contemporaneo, que oxalá vá por diante.

CORPUS CHRISTI.

3021 AMANHÃ, 6, espera-se mui luzida a procissão de *Corpus Christi*.

Desde o meio dia até á noite por ordem da camara municipal estarão armadas todas as janellas e portas das ruas do transito: a saber Sé, Magdalena, rua nova de el-rei, rua aurea, rua da Conceição, etc.

S. M. el-rei ornará com sua presença o préstito, devendo concorrer a elle todos os grão-cruzes, commendadores, e cavalleiros das differentes ordens.

GIGANTE.

3022 Se ainda durasse o antigo costume introduzido na Europa, depois das guerras das cruzadas, de levar gigantes na procissão de *Corpus Christi*, bem estava a de amanhã, pois ahi temos um gigante, não de papelão e lonas mas de osso e carne, chegado fresquinho, o melhor disseramos frescão, de Guipuzcoa.

D. Joaquim Eleizegui é o seu nome. O seu comprimento (como poderão verificar os que á porta da casa n.º 53 na praça de D. Pedro pagarem 100 rs.)

92 polegadas hispanholas: a sua largura de unha a unha, abertos os braços, ainda maior que o seu comprimento: o seu todo muito proporcionado: as suas forças brutas, mas o seu genio pacifico. Quem o vê não imagina como um barbeiro ha-de poder quando lhe vier a barba (porque os seus vinte e dois annos ainda a não tem) escanhoar e pentear aquillo sem andaimos. O espectador faz sem querer, sobre a sorte d'este ento privilegiado, reflexões muito melancholicas: e com effeito, viver no meio da sociedade para não vêr os seus semelhantes senão pelo alto da cabeça, não caber em sege, nem em camarote, não poder montar a cavallo, nem dar o braço a uma dama senão indo de gatinhas, é um terrivel desconto de ser o alvo das attentões do mundo.

Ignoramos ainda os pormenores da sua biographia: as dimensões do pae e da mãe, que lhe deram o sêr; as do seu bercinho, que seria alguma cama imperial; os seus brincos infantís que deviam arremedar aos de Hercules; a copia das suas refeições; os seus passatempos; e o em que mais frequentemente se intertém uma cabeça moradora n'uma região tão superior á nossa.

Por boa fortuna do guipuzcoano, Lisboa é talvez hoje a unica cidade do mundo, que se acha nos termos de o poder galardoar da sua visita.

Mademoiselle Camilla, a famosa gigante, que os nossos leitores, já conhecem, acha-se ainda aqui. Avistar-se-hão necessariamente, e o amor ferirá, e não com qualquer setasinha ordinaria, os seus grandes corações: suspirarão, não estes suspirosinhos das duzias, de que usamos nós outros os bichinhos da terra, mas dois verdadeiros furacões arrancados da alma, que hão-de dizer muito; e o hymeneu, unindo-os, haverá estabelecido uma fábrica de collossos, fazendo ao mesmo tempo a ventura de um par que até á morte se ha-de por força conservar fiel.

A exhibição d'este philisteu é todos os dias desde as onze da manhã até ás duas da tarde.

DESPEDIDA THEATRAL.

3023 SEXTA-FEIRA, ultimo de maio — quando a lua por não desmentir a folhinha e o nosso artigo 2999 se eclipsava totalmente, deixando a cidade ás escuras — despediam-se para férias de verão (que alguns dizem durarão mais do que se annuncia) o canto e baile do nacional e real theatro de S. Carlos. A casa estava cheia, a companhia animada do desejo de semear as saudades extremas.

O serão foi composto de uma excellente escolha de deliciosos trechos dos melhores compositores musicos e de graciosos pedaços de dança: choveram palmas, choveram corôas e ramalhetes, choveram vivas e gritos, sendo as partes principaes da companhia chamadas fóra, pelo seu nome uma a uma, depois da ultima corrida do panno, e ahi ressaudadas com estrépito. A condescendente orchestra não desamparou o seu lugar, posto que o divertimento acabasse muito depois da meia noite: — foi uma cortesia de que, por nossa parte, lhe damos parabens e agradecimentos.

O melhor da companhia partiu para o theatro de S. João do Porto, onde é esperado com insofrida avidez, e onde desejamos, que não vá presenciar repetições do brutal e silvestrissimo comportamento, que lá se houve, pouco ha, para com Madame Olivier. —

O já de si mui problematico direito de patear vae chegando a um auge de abuso, que visivelmente está chamando por providencias.

Em S. Carlos n'esta noite de despedida, vimos por duas ou tres vezes romper, por meio dos geraes e fervidos applausos, uma pateada inexplicavel e que posto foi soffocada, nem por isso deixou de escandalisar, por intempestiva e descortez em tal dia, sobre injusta; e porque, não contente com o estrondo dos pés, se não envergonhou de introduzir na sala da opera e diante de tantas senhoras delicadas e respeitaveis os descompostos e ultracampinos assobios, só usados pela padaria na praça dos toiros.

No Porto e com Madame Olivier ainda foi peor: além dos assobios voaram os patações ao palco, um dos quaes, colhendo a cantora pelos peitos, a deixou (dizem) fortemente maltractada. Se se não pizer um limite a esta vergonhosa anarchia, esperamos ver ainda que a desaprovação, os odios motivados, ou a simples antipathia de tal ou tal rancho dos frequentadores da ópera se manifestem da platéa com descargas cerradas de bacamarte, dos camarotes com granadas de mão.

O CONEGO NARCISO ANTONIO DA FONSECA.

3024 SAÍU á luz um opusculo de 67 paginas em oitavo grande, intitulado *Memoria justificativa escripta pelo conego Narciso Antonio da Fonseca.*

TRAFEGO MARITIMO DA ILHA DO FAYAL.

3025 APORTARAM na ilha do Fayal no anno de 1843. Navios portuguezes 72 — hispanhoes 3 — francezes 4 — inglezes, incluindo 33 vapôres, 65 — americanos dos Estados Unidos, sendo 1 vapôr, 135 — Brasileiros 3. Total 282.

M. M. de M. B.

UMA DANÇARINA EM BOTÃO.

3026 TINHA-SE anunciado que — a menina *Rugalli*, filha da actriz d'este nome, havia de dançar, no 1.º do corrente, no theatro do Salitre a *cracoviienne* á imitação de Madame *Mabilli*: caíram lá em grande numero os devotos d'esta divindade da dança, cubicosos de ver o êxito, do que parecia inexplicavel ardimento.

A menina *Rugalli* havia sido doctrinada por aquella mesma a quem tomára por modelo, e deu-lhe honra, conquistando, desde os primeiros passos, uma d'estas pequenas celebridades theatraes, que vem depois a abrir caminho para maiores e mais solidos triumphos. Destreza e graça, os dois elementos da boa dançarina, tudo mostrou possuir: e o publico animou com os maiores applausos os seus esforços.

Esta sylphide nascente, — cabe que o notemos com orgulho, — é portugueza e alumna do nosso Conservatorio da Arte Dramatica.

HOMICIDIO PREMEDITADO.

Canta, canta que mal sabes o que está para te acontecer.

(Palavras de um facinoroso).

3027 ERAM que horas da noite (como se explica o povo das aldéas) e no lugar da Marmeleira, que não deixa de ser lugar distincto na chronica dos cri-

mes, chorava toda uma familia a morte de uma virgem; os paes e os irmãos carpiam-n'a cheios de dó e de saudade, pela verem assim morta na flôr da idade.

Não longe da casa, em que esta scena se passava, havia duas tabernas: n'uma dellas cantava alegre á desgarrada o infeliz Manuel Fernandes; e n'outra alli bem perto intertinham Antonio Gaspar, Antonio Roberto, e Joaquim Gaspar, o tempo, beberricando, e palestrando com os que estavam e de novo vinham; e lá saía da bocca de um d'elles, rosnando e resmungando aquelle — *canta: canta, que mal sabes...*

Dirieis que os demonios preparavam uma victima para cevarem seus odios infernaes, de que acabava de zombar a innocente donzella que Deus levára para si!! Era seu tio o cantor de Baccho!!

E o cantor enrouqueceu; as tabernas fecharam-se; a noite passou; e os primeiros raios do sol do dia 30 de outubro de 1843 poseram aos olhos de todos os que iam passando o *cadaver de Manuel Fernandes com as goellas cortadas, logo ao pé de casa!!* Antonio Gaspar, e seus companheiros foram os primeiros que n'aquelle lugar, e nos visinhos deram a noticia da horrenda catastrophe!!

E ás onze horas do dia 17 de maio d'este anno eram elles condusidos por uma escolta de municipaes da cadêa para o tribunal de justiça, onde os esperavam juiz, jurados, escrivães, accusadores, testemunhas, e grande numero de curiosos doctos e indoctos!

Entraram a passo desembaraçado (eram rapazes): e se o crime se pintasse nas feições, nos gestos, e no ademan, pensarieis ao vê-los, que eram tres innocentes (quem sabe!) ou tres heroes!!

Constituido o tribunal fez-se a leitura d'aquella parte do processo, que a lei designa: depois recolheram-se as testemunhas; e d'ahi começaram os inqueritos.

1.ª testemunha — cabo de policia que prendeu o réo Antonio Roberto, — disse que no acto em que prendêra este réo, elle lhe perguntára porque o prendia. E que disendo-lhe a testemunha que por ter matado a Manuel Fernandes, dissera o réo — eu não o matei: quem o matou foi Antonio Gaspar: eu só lhe segurei as pernas por julgar que meu primo lhe queria só dar alguns bofetões. — 2.ª testemunha, outro dos cabos — depôz nos mesmos termos. — 3.ª Sobre incidentes anteriores que tinham alguma relação com o facto. — 4.ª Que na manhã seguinte á noite da morte os tres réos entraram em sua casa, e contaram em ar de *galhofa* que tinha apparecido um homem com as goellas cortadas. — 5.ª Que os réos na taberna de N... onde a testemunha entrára quando na outra taberna de N... cantava Manuel Fernandes, disseram — *canta: canta, que mal sabes o que está para te acontecer.* — 6.ª Que um dos réos tinha na manhã do dia seguinte ao do acontecimento a manta salpicada de sangue. — 7.ª O mesmo que a 6.ª com uma pequena differença. — 8.ª O mesmo. — 9.ª Que achando-se em casa de N... na occasião em que Manuel Fernandes cantava ao desafio com N... na taberna de N... dissera o réo Joaquim Gaspar — *canta: canta, que logo te hei-de cortar as orelhas,* — e que perguntando-lhe a testemunha a razão, elle lhe dissera por que matou meu pae. — 10.ª Que o réo Antonio Gas-

par e seu irmão disiam á bocca cheia, que haviam de matar a Manuel Fernandes, por ter elle matado a seu pae; e que a rixa entre elles era já antiga por causa de uma serventia. — 11.^o Ouviu que Antonio Gaspar cortou as goeifas, e que Joaquim segurára as pernas de Manuel Fernandes, e que a rixa de um com o outro já era antiga: — 12.^o Ouviu gritar contra os réus quando a mulher de Manuel Fernandes deu com o marido-morto.

Juiz. — ¿ Manuel Fernandes era máu homem? — Testemunha — não sr.: não era capaz de fazer mal a uma aranha.

— 13.^o Depoz que no lugar não culpavam a mais ninguém senão aos réus.

A defesa articulada dos accusados consistia: 1.^o, em que na noite do fatal acontecimento estiveram em casa de Manuel N... d'onde não arredaram pé, acompanhando a familia em sua soledade pela morte da filha: 2.^o, em que não traziam rixa com Manuel Fernandes: 3.^o, que se o tivessem querido matar, o teriam feito em qualquer das muitas occasiões que o encontravam só: 4.^o, que Manuel Fernandes tinha muitos inimigos por sua má conducta, e perversidade, e tão perverso e máu que cantava a desgarrada n'uma taberna, enquanto a familia de seu irmão pranteava sobre o cadaver de uma filha, alli bem perto da taberna!! etc.

Inquiridas as testemunhas jurou a 1.^a, (que era o irmão do morto) que os réus tinham passado a noite em sua casa: e a 2.^a, (que era a mulher) jurou nos mesmos termos.

Feitas as acarições entre estas e a 5.^a testemunha da accusação resultou que os réus sim passaram a noite em casa do irmão do morto; mas que quando para lá entraram, foi já muito tarde.

A 3.^a testemunha, a 4.^a e a 5.^a não adiantaram mais.

A 6.^a disse que tinha estado com os réus na casa do irmão do morto até meia noite, pouco mais ou menos; e que a esta hora saíram todos, porque a familia se recolheu e fechou a porta.

A 7.^a, 8.^a e 9.^a não aproveitaram aos réus.

A 10.^a disse que tendo a prisão do réo Antonio Roberto sido feita junto da sua porta, lhe ouvira dizer para os cabos « não me prendam, que eu digo quem matou Manuel Fernandes; e que logo declarára, que fôra seu primo Antonio Gaspar.

A 11.^a depoz nos mesmos termos; e as outras nada que desviasse dos réos a suspeita, ou attenuasse a gravidade do crime.

Seguiram-se as perguntas aos réos que negaram tudo.

Dada a palavra ao representante do ministerio publico, expoz e prouve pelo exame dos autos a existencia do delicto: depois, e pela confrontação, analyse e jogo das provas mostrou que dois dos réos foram os matadores de Manuel Fernandes, e que o outro fôra socio na criminalidade: lançando mão da defesa dos réos voltou parte d'ella contra elles; e concluiu pedindo a applicação das penas da ord. liv. V, tit. 35.

O accusador particular, offerecendo a catilinaria do accusador publico, tractou mais particularmente da reparação devida á viuva do assassinado.

Começou o advogado dos réos os seus officios; e

em linguagem brilhante e forte; e n'um discurso em que todas as regras da oratoria foram cumpridas, mostrou que os réus, se não eram innocentes, estavam por convencer.

Estigmatizando a fórma porque se fizera o corpo de delicto, e a importunidade da prisão dos réus, contra nenhum dos quaes havia a esse tempo o mais leve indicio de crime, concluiu que essa prisão tinha sido o instrumento unico que servira para no lugar da Marmeleira se estabelecer fama contra elles.

Tomando o fio dos depoimentos que iam parar na confissão de um dos réus, achou que tudo se reduzia a um dicto extrajudicial, que se não realisava, porque Antonio Roberto alli o tinha negado.

Servindo-se da hypothese, combatêu a doutrina, mostrando pela razão — que a confissão extrajudicial de um, nem o prejudicava a elle, nem aos outros.

E aqui comparou o illustre defensor dos réus os costumes dos tempos barbaros com muitos dos actuaes, para arredar para longe dos tribunaes de justiça algumas das antigas fórmas de achar e de pezar as provas.

Concluiu apostrofando ao jury: a sombra ensanguentada do pae dos réus, (que fôra barbaramente assassinado), vos apertará o coração com as mãos escorrendo em sangue. — Não façaes, juizes injustos, a meus filhos, o que meus barbaros, e ainda hoje impunidos assassinos, me fizeram: olhae que estão innocentes; temei que o seu, sangue vos cáia sobre a cabeça.

Os jurados receberam o processo e as theses, que deram provadas por maioria, depois de meia hora de conferencia; e pelas seis da tarde já os réus estavam restituidos á cadeia, e um condemnado a morrer enforcado, e o outro em trabalhos publicos por toda a vida; e Joaquim Gaspar em dez annos d'elles.

Os réus appellaram da sentença; e nós cremos que os autos terão de cá tornar para nova discussão, e julgamento: e é por isto que contamos o que se passou sem fazer-lhe annotação alguma.

Santarem 26 de Maio de 1844.

J. F. A. B.

(Gazeta dos Tribunaes).

SANGUE POR LAGRIMAS E VIDA POR HONRA.

CASO ESPANTOSO.

3028 À PORTA do seu moinho, no sitio da Ponte, mais de meia legua apartado da Villa de Grandola, estava Pedro (outro é seu verdadeiro nome) na tarde de 16 de maio, immovel havia mais de meia hora; com o ar cuidadoso e os olhos alongados, procurando na estrada da Villa alguém que não apparecia. É porque *Maria* (não é tambem este o nome real; por justas contemplações, o queremos ommittir) devia ter já voltado; *Maria* sua entida, mas a quem elle ama, como a filha, como a mais formosa esperanza da sua velhice, a alegria do moinho, o citado brasão e gloria da sua casa, e ainda mais pelas virtudes do que pelas graças que adornam a sua mocidade.

Aprasivel estava a tarde; a viração não escaciava nas vellas do moinho, e o coração de *Pedro*, sempre tão satisfeito, sentia-se triste: não sei que funesto presentimento lh'o annuviava.

Maria é boa cavalleira; o seo cavallo, em que ella foi, é fiel e costumado com ella; a estrada sem precipicios, nem máus encontros....., entretanto a demora cresce, a phantasia trabalha, as desgraças menos verosimeis começam a apparecer como provaveis e a avultar de minuto para minuto. Já se dispunha a sair, para encontral-a, quando, n'um vulto que avistou ao longe, o coração lh'a adivinhou, e dentro em pouco os seus olhos a reconheceram; — era *Maria*.

Caminhava vagarosa e com a cabeça baixa; a sua cavalgadura a seguia solta. *Pedro*, alvoroçado por vêr os seus peiores receios desvanecidos, mas assustado com a novidade do andar, da postura e de toda a presença de sua filha, correu a recebê-la e conduziu-a nos braços para o moinho, opprimindo-a de perguntas, a que ella não podia responder, senão com lagrimas e soluços. — Entrados em casa, e fechada por dentro a porta a rogo de *Maria*, esta, revocando todas suas forças, se arremeçou aos braços paternaes, e sepultando o rosto afogueado no seo onde ella sabia, que palpitava um coração tão cheio de honrados brios como de affecto, lhe contou a sua desaventura.

A meia legua da villa, quando já, toda alegre, se tornava para o moinho, um homem, que ella nunca vira, se lhe havia atravessado diante, dirigindo-lhe propostas infames, córadas com o especioso titulo de amor. Não vendo de parte alguma quem, n'um passo tão estreito, lhe podesse acudir, conhecendo que todas as rasões, que a honra, que a religião, que o medo lhe suggeriam, se quebravam contra a vontade de ferro do temerario desconhecido, baldadas as súplicas, as lagrimas, as lisonjas, as ameaças, até as promessas, recorrêra á desesperação; recurso ultimo, que muitas vezes, faz triumphar os entes fracos; oppusêra a força á força, tentara impetuosamente a fuga, — em vão! — toda a sua resistencia não serviu senão de augmentar a brutalidade indomita do seu aggressor; — fôra derrubada, opprimida, sacrificada e desamparada sem sentidos no meio da estrada, exhausta da lucta, com os vestidos feitos pedaços, coberta de pó e de vergonha.

— Conhecel-o-has tu, se o vires? perguntou com voz surda, depois de alguns momentos de reflexão, o velho.

— De certo.

— Bem! então saíamos!

Tomou a sua espingarda carregada; montou levando na garupa a profanada innocente, e dirigiu-se ao sitio. Não achando já ahi, e não se avistando no arredor o que procurava, correu á ventura, mas fiado em que a Providencia o encaminharia onde um tão horrendo attentado devia ser punido; seguiu a estrada das *Ameiras*, logar afastado da Villa obra de uma legua. Chegados a um caminho estreito, quasi juncto ao monte, divisou *Pedro* um homem, a larga distancia. Deu-lhe o coração uma pancada, e voltando-se para a sua companheira, que engolfada em suas penas, não attentava em coisa alguma, lh'o indicou, perguntando-lhe se porventura não seria aquelle?

— Não poderia ainda affirmal-o, mas creio....

— Bem depressa o saberemos.

E cortaram direito ao individuo, com assás de pressa para o não perderem, mas não tanta que dessem de si suspeitas, e o afugassem. De minuto para minuto decrescia o intervallo que os separava.

Um dialogo, quasi em segredo entre o pae e a filha, era o terrivel e supremo tribunal de que então estavam pendentes a vida de um homem e um grande exemplo para a sociedade.

— Reconhece-lo já?... Não levantes tanto os olhos; occulta o rosto por detraz da minha cabeça.

— Creio.....

— Espera, espera um pouco mais!

— O trage.....

— Esconde-te melhor e não soluces; disfarça, que já nos viu... está desconfiado, incerto; parece reparar por onde fuja... torna agora a olhar, e considera bem na tua resposta. Por tudo quando o mundo tem, não quereria que te enganasses. Solta-me o braço direito; já pôdes alçar o rosto e encarar fito....

— É elle?... Não precisas de me responder: intendo-te; esse braço convulso e esses soluços....

— Sim, meu pae, é elle fuja-mos!

— Deus seja louvado!

Apontou a espingarda, o tiro retumbou ao longe. O homem, que se ia arremeçar á fuga, jasia por terra immovel.

— Deus tenha compaixão da sua alma! disse *Pedro*, segurando com um braço a filha, a quem duas commoções, tão extraordinarias e solennes, em tão pouco tempo, quasi haviam roubado os sentidos; e torceu as redeas para o mesmo caminho por onde viera. — Irá sumir-se no moinho, levando consigo a unica testemunha que sabe do seu crime, e que nunca o denunciará? Não. Para a villa se dirige. — Para a villa! para casa do juiz.

— Senhor, lhe diz elle entrando; commetteu-se hoje n'este districto um homicidio; venho descobrir e entregar o matador. O cadaver deve ser dado á terra: que o vão buscar; eu ensinarei o sitio onde elle jaz. O réo deve ser preso e julgado, eil-o aqui, que me levem para a cadeia.

Uma tal revelação sobresaltou e encheu de horror a quantos a presencaram: mas logo que *Pedro* narrou a historia, e que as lagrimas e o rubor da profanada victima a comprovaram, como testemunhas maiores de toda a excepção, o sobresalto e horror dos ouvintes se augmentou ainda, mudando de emprego. O magistrado, escravo da lei, fez conduzir para o carcere o honrado assassino; toda a povoação correu a vê-lo com mostras de interesse e de affecto.

O cadaver da fêra damnada foi mandado buscar em um carro, e assim entrou por *Grandola* onde o aguardava o posthumo supplicio da execração pública.

A autopsia lhe descobriu o coração atravessado de uma bala. Ninguem na povoação o conhecia; o odio dos paes e mães recaiu sobre um ente sem nome. Possa a sepultura guardar o seu segredo. Ha crimes que são de um, mas deshonram uma familia e uma geração. O exame de corpo de delicto, que não tardou a fazer-se na pessoa da infeliz *Maria*, comprovou o attentado, no juizo do povo quasi que sanctificou a atrocidade da vingança.